

INSTITUTO FEDERAL
Goiás

Câmpus
Anápolis

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PEDRO HENRIQUE S. GUIMARÃES

Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil.

Anápolis – GO

2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ANÁPOLIS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho apresentado em evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome completo do autor: Pedro Henrique da Silva Guimarães

Matrícula: 20191060090080

Título do trabalho: Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
- ☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- ☐ Outra justificativa: _____.

Declaração de distribuição não-exclusiva

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material

cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis, 10/08/2023.

(Assinado Eletronicamente)

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Documento assinado eletronicamente por:

- **Pedro Henrique da Silva Guimarães, 20191060090080 - Discente**, em 12/08/2023 19:03:35.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 10/08/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 439690

Código de Autenticação: ed9c85a5a0



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Avenida Pedro Ludovico, s/ nº, Reny Cury, ANÁPOLIS / GO, CEP 75131-457
(62) 3703-3373 (ramal: 3373)

PEDRO HENRIQUE S. GUIMARÃES

Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Witeze Junior

Anápolis
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guimarães, Pedro Henrique S.

G963u Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil. / Pedro Henrique S. Guimarães. – Anápolis: IFG, 2023.
38 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Witeze Junior.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Anápolis – Licenciatura em Ciências Sociais, 2023.

1. Neoliberalismo. 2. neoconservadorismo. 3. Instituto Mises Brasil.
I. Witeze Junior, Geraldo (orient.).
II. Título.

CDD 320.513981



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ANÁPOLIS

Pedro Henrique da Silva Guimarães

Uma análise do neoliberalismo brasileiro a partir do Instituto Mises Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto
Federal de Goiás – IFG – Câmpus Anápolis,
como parte das exigências do curso de
Licenciatura em Ciências Sociais para obtenção
do título de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em 16 de junho de 2023.

Assinado digitalmente

Doutor Geraldo Witeze Junior

Orientador

IFG - Câmpus Anápolis

Doutora Camila de Vasconcelos Tabares

Avaliadora

IFG - Câmpus Luziânia

Doutor Danilo José Dalio

Avaliador

IFG - Câmpus Anápolis

Anápolis - Goiás - Brasil

Junho de 2023

Documento assinado eletronicamente por:

- Danilo Jose Dalio, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/06/2023 16:59:34.
- Camila de Vasconcelos Tabares, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/06/2023 16:24:41.
- Geraldo Witeze Junior, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/06/2023 16:14:32.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 21/06/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 422158
Código de Autenticação: cf0e9157f1



AGRADECIMENTOS

A Deus (O TODO), pela concepção da vida, pela minha saúde e por possibilitar as minhas conquistas.

Aos meus pais por terem possibilitado toda esta trajetória até este trabalho. Me auxiliando financeiramente, emocionalmente e com muito apoio, nunca duvidando dos meus potenciais. Pela mudança de Estado em busca da melhoria da minha saúde e melhores condições de estudo. Hoje, todo esse movimento, gerou bons frutos. Agradeço e minha irmã, Júlia, por também me ajudar imensamente a me manter no foco, seguindo este percurso. Sem suas orientações em momentos difíceis, talvez não estaria concluindo este trabalho.

A minha companheira, Karine Aires, por nunca ter titubeado em me apoiar quando tentei novos caminhos. Agradeço por todo apoio moral, sentimental, físico e psicológico durante essa etapa. Sem seu auxílio, todo esse percurso teria sido muito mais tortuoso. Com muito amor, obrigado!

Ao meu orientador Geraldo Witeze Jr. que me acompanha desde a primeira vez que tivemos contato em uma disciplina da graduação. E que desde 2020 desenvolvemos um bom vínculo, resultado em dois artigos de pesquisa, neste trabalho de conclusão de curso. Resulta, também, em uma amizade que foi muito importante no contexto difícil da pandemia. Me fez manter-me firme e produtivo. Lendo, pensando e escrevendo, graças aos seus estímulos.

Ao meu coorientador, Danilo José Dálio, por todo suporte material e imaterial, pelo suporte psicoemocional em momentos difíceis e por sua habilidade de passar boas energias para continuarmos seguindo o percurso. O tenho como referência!

Aos professores Neville Júlio Vilasboas e Michele Siqueira. Que me acompanharam desde o ensino médio à graduação. Viram meu desenvolvimento, minhas conquistas, meus erros e minhas falhas. Os tenho como referência até hoje.

Aos meus amigos, Luna Apostolo, Lauro Antônio, Luiz Felipe, Francisco Nyron, Bruno Silva, Saymon, Pedro Alves, Salomão Alves e Pedro Santiago. Estes estiveram comigo durante todo o processo, do médio à graduação, e sempre me apoiaram desde o momento que cogitei fazer este curso. Meu mais singelo obrigado.

Aos meus amigos (a), Júlia Tavares, Lucas Vilaça, Júlia Prado, Amanda Sampaio, Verônica Oliveira, Thailane Santos, Maria de Fátima, Matheus Uchôa, Luciano Henrique, dentre outros. Do percurso de vida que também participaram, seja com apoio ou orientações,

os agradeço imensamente, suas contribuições foram de suma importante em diversos momentos. Obrigado meus queridos!

Agradeço imensamente ao Instituto Federal de Goiás – Campus Anápolis, por me possibilitar todo suporte possível, desde o meu ensino médio à graduação. Aos professores, e técnicos administrativos. Meus mais puros agradecimentos. Lembrarei sempre desta equipe. Sempre que eu tiver espaço, falarei em defesa da educação pública federal de qualidade, lembrando sempre desta equipe.

Obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa pretende compreender o pensamento neoliberal no período recente do Brasil. Para tanto, analisará o conjunto de textos mais populares publicados pelo Instituto Ludwig Von Mises Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia se baseia na Análise do Discurso. É um estudo bibliográfico documental que insere o *Think Tank Mises Brasil*, nos processos sócio-históricos do avanço da direita nacionalmente, mas também a considerando nos certames globais. Este trabalho conta com softwares livres de análise qualitativa, para identificar artigos relevantes em engajamento no site do IMB e nas redes sociais. Para interpretar todos os artigos pesquisados, lança mão de autores como; Flávio Casimiro, Camila Rocha, Esther Solano, dentre outros interpretes dos estudos da nova direita brasileira. Como resultado, espera-se desvelar as principais linhas do pensamento neoliberal que recém se tornaram mais difundidas no espectro do Neoconservadorismo brasileiro.

Palavras-chave: Neoliberalismo, neoconservadorismo, Instituto Mises Brasil.

ABSTRACT

This research aims to understand neoliberal thought in recent times in Brazil. To do so, it will analyze the set of most popular texts published by the Ludwig Von Mises Brasil Institute. This is a qualitative research, whose methodology is based on Discourse Analysis. It is a documentary bibliographic study that places the Mises Brasil Think Tank in the socio-historical processes of the advance of the right nationally, but also considering it in global contests. This work uses free qualitative analysis software to identify relevant articles in engagement on the IMB website and social networks. To interpret all the researched articles, I rely on authors such as Flávio Casimiro, Camila Rocha, Esther Solano, among other interpreters of the new Brazilian right studies. The expected result is to unveil the main lines of neoliberal thought that have recently become more widespread in the spectrum of Brazilian Neoconservatism.

Keywords: Neoliberalism, neoconservatism, Ludwig Von Mises Brasil Institute.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
INTRODUÇÃO.....	7
CONTEXTO HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO SOCIAL.....	9
SOBRE O INSTITUTO MISES, OS TEXTOS E SUAS ABORDAGENS.....	13
Notas sobre as metodologias e limitações para discussão do texto:.....	14
Dos textos que tratam sobre economia e política:.....	16
Das outras abordagens: sobre teoria social, educação e ideologia:.....	18
ANALISANDO AS NOÇÕES DE BEM ESTAR SOCIAL E ECONOMIA POLÍTICA. 23	
OS INTELECTUAIS E ARTISTAS SOB O OLHAR DO IMB.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Ressalto, de início, o fio condutor desta pesquisa. As redes sociais possibilitaram o desenvolvimento recente do neoliberalismo brasileiro. O desenvolvimento das redes sociais e suas relações com a política já foram analisadas por outros autores. Exemplos disso são as noções de “capitalismo cognitivo” (Boutang, 2005; Hardt & Negri, 2004) e “economia da atenção” (Goldhaber, 1997; Davenport & Beck, 2001). Pode-se dizer que esse desenvolvimento “visa” conectar os indivíduos, a fim de conseguir informações sobre eles e conduzi-los a participar da vida política. Parece ser assim que o neoliberalismo se espalha com tanta eficiência.

A polarização presente na realidade brasileira é, precisamente, o fator chave dos desdobramentos políticos recentes nessa nação. As situações descritas no texto se referem à polarização de 2013, que considero uma das propulsões para as conjunturas políticas mais recentes.

A classe burguesa moderna, como nos mostra Antônio Gramsci (1990), se perpetua por meio de operações hegemônicas – isto é, por meio das atividades e iniciativas de uma vasta rede de organizações culturais, movimentos políticos e instituições educacionais. Acrescento a essa lista a mídia, e sobretudo a *internet*, que é cada vez mais eficaz e sedutora, especialmente em função de seu recurso a algoritmos. A dominação de classe depende da disseminação de uma determinada visão de mundo e de um conjunto específico de valores. Minha abordagem dos textos veiculados pelo Instituto Mises Brasil busca mostrar as formas de vinculação ao público e suas abordagens para o desenvolvimento do plano neoliberal.

Seguindo a na linha de estudos de Dardot e Laval (2016), partimos do pressuposto de que os diferentes mecanismos de propagação da *governamentalidade*¹ neoliberal pelo mundo foram reforçados e diversificados desde a crise econômica de 2008. No caso dos *think tanks* liberais, é notável uma estratégia efetiva de alargamento de seus ideais políticos em diversos países, bem com uma extensão da sua agressividade, entremeada nas ações políticas. Na realidade brasileira que apresento no texto, a propagação dessa racionalidade foi expressamente conduzida pela conjuntura política que desembocou na eleição do ex-presidente Bolsonaro além de se articular ao pregresso de configuração da Nova Direita, conforme tratado por Casimiro (2018).

¹ A *governamentalidade* pode ser descrita como o esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de controle, normalização e moldagem das condutas das pessoas. Portanto, a *governamentalidade* enquanto conceito identifica a relação entre o governo do Estado (política) e o governo do eu (moralidade), a construção do sujeito (genealogia do sujeito) com a formação do Estado (genealogia do Estado) (Fimyar, 2008, p.5).

A hipótese geral é aplicada, neste artigo, ao Instituto Mises Brasil, um dos grupos de divulgação liberal mais ativos que operam no Brasil. Considero que essa organização é um mecanismo de manifestações da racionalidade neoliberal, corroborando com a conformação de uma nova *governamentalidade*, influenciando o senso comum e contribuindo para a internalização, nas instituições e subjetividades, de uma dada concepção de mundo. Essa concepção de mundo, liberal, se difunde desde o centro do capitalismo, a exemplo de Estados Unidos e Inglaterra, para os demais países, engendrando formas relativamente padronizadas de pensar e agir em diferentes áreas.

O texto se divide em duas etapas. A primeira procura reconstruir o contexto histórico que cerca o desenvolvimento recente do conservadorismo brasileiro, começando pelas Jornadas de Junho de 2013. Nesse caso, apesar de inicialmente alinhadas com ideologias e valores de esquerda, as manifestações de 2013 foram difusamente capturadas por grupos ideologicamente mais próximos do conservadorismo e do neoliberalismo. Traço uma linha até a efetiva propagação do neoliberalismo a partir do IMB. Posteriormente, procedo com a análise dos artigos publicados pelo Instituto Mises Brasil, que abrangem assuntos relacionados a classes sociais, economia, política, educação, empreendedorismo e redes sociais. Desse modo, busco estruturar o material que permite uma compreensão preliminar do movimento político em questão.

CONTEXTO HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO SOCIAL

A análise do contexto brasileiro com o intuito de identificar as causas do surgimento do neoliberalismo é fundamental. Como toda pesquisa revela, as origens de um fenômeno são múltiplas e podem ser abordadas de várias maneiras, levando em consideração diferentes elementos propulsores. Embora o neoliberalismo seja uma tendência recente, suas raízes são antigas e sempre que seus sintomas se manifestaram, houve arranjos sociais e políticos que agiram como gatilhos para o seu desenvolvimento. É essencial, portanto, acompanhar o movimento da história e entender como os momentos sociopolíticos influenciaram os eventos recentes. Nesse sentido, pretendo argumentar que as Jornadas de Junho foram um ponto de inflexão. Essas jornadas apresentaram características particulares que se tornaram a base para a movimentação do centro político brasileiro, e para a disseminação das políticas centro-direita no Brasil. O que determina o Centro como ala política não são suas habilidades em se distinguir da direita ou da esquerda, mas sim sua capacidade de cooperar simultaneamente com ambos os lados. Se pudermos exemplificar em termos de valores políticos, o Centro político abraçaria os mais perenes, voltados ao mundo social. Seria algo próximo a uma social democracia, onde o Centro busca valores abrangentes e difíceis de serem refutados, como acesso à educação e um mundo menos desigual. A veemência encontrada tanto na esquerda quanto na direita propriamente dita não é encontrada no Centro. O acordo e a agregação de corpo político característico das eleições, fazem do Centro um alvo recorrente do progressismo de esquerda e do conservadorismo da direita.

Quando me refiro à centro-direita, estou falando do contexto social e político no qual há uma predominância de valores conservadores e reacionários, típicos da direita, que acabaram sendo agregados à ala do centro em suas pautas políticas. Comprometido em conciliar novas lutas e direitos contemporâneos, o centro carrega consigo o antigo compromisso social-democrata, desde o pragmatismo econômico até a cooperação social. No entanto, o desafio que se impõe, e por isso em alguns momentos menciono a centro-direita, é que o centro não pode vencer eleições e muito menos governar sozinho. Dependendo do contexto, pode inclinar-se tanto para a centro-direita quanto para a centro-esquerda.

A participação da classe média e o perfil dos manifestantes e trabalhadores descritos ao longo deste texto foram fatores determinantes para o avanço do neoliberalismo. Esse fenômeno encontrou espaço nas Jornadas para apresentar suas pautas diante de um público que não ofereceu resistência à sua integração, dada o contexto político e a maleabilidade de um público de centro que não se assustou com as questões da direita. A análise é continuada

através dos meios de comunicação presentes em junho de 2013 e seus encaminhamentos até tratarmos do IMB, de maneira efetiva.

A meu ver, as Jornadas lançam as bases de uma série de comportamentos e ações conservadoras, o que se vincula, adiante, a direita. As Jornadas de Junho de 2013 foram um conjunto de manifestações sociais de caráter político-ideológico. Surgiram com uma pauta inicial: recusa do aumento da passagem de ônibus em São Paulo, o que foi replicado quase de imediato em outras capitais. Posteriormente, passam a incluir novas pautas que acarretaram desdobramentos distintos. Os desdobramentos são a inclusão do discurso anticorrupção e o surgimento de um novo proletariado, a saber, o *precariado*. Delimito minha análise em tais desdobramentos, indo além da questão do passe livre (que deu o pontapé nas Jornadas).

As mídias sociais, neste momento e em vários outros, têm grande protagonismo no que diz respeito à convocação, difusão e organização das manifestações. Foi nas redes sociais que os manifestantes puderam formar um grupo social, onde foram por assim dizer convocados e onde tiveram acesso a um plano de ação. Os manifestantes percorreram e paralisaram grandes vias públicas, não só por horas ao longo de diferentes dias. Não bastasse a cobertura da grande mídia, “depoimentos de partícipes e observadores deram conta de policiais ‘enlouquecidos’ e ‘cenas de guerra’ a céu aberto” (SINGER, 2013). O contexto de crise, como se apresentou, dá margem para o surgimento de características políticas que se desdobram, às vezes, para além dos anseios iniciais.

As relações de classe e a noção de propriedade privada não estavam, necessariamente, no cerne das manifestações. Ainda que esses dois elementos permeiem qualquer relação social no capitalismo, eles não estavam imediatamente evidentes nas jornadas. Pouco tempo depois, esses conceitos receberam maior atenção, com a adesão das pautas anticorrupção e a identificação de uma relação de trabalho pautada na alta rotatividade e com péssimas condições de trabalho, qual seja, o *precariado*. Segundo Giovanni Alves, *precariado* corresponde a um conjunto de indivíduos que figuram na classe média do país. Estes mesmos são identificados pelo trabalho urbano (o proletariado comum abrange também o trabalho no campo), e possuem, majoritariamente, formação técnica ou superior. Apesar da escolaridade, tais sujeitos amargavam péssimas condições de trabalho e sofriam com o baixo retorno financeiro pelas atividades desenvolvidas.

De acordo com a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência (SAE), a população mais rica do país possui, em sua maioria, ensino médio completo, correspondendo

a 87%². Por outro lado, a classe média apresenta apenas 60% de sua população com o mesmo grau de escolaridade. É comum que a elite, independentemente do país, mantenha sua posição burguesa e tenda ao conservadorismo. Já as classes médias, em geral, representam um centro político. Afeitos a melhorias, mas não há, necessariamente grandes coisas a se conservar.

Houve massiva participação de sujeitos do mundo universitário. Como veremos, as universidades podem ser vistas como um dos palcos de cooptação das ideologias político-partidárias. Em um quadro contendo 8 capitais, Singer identifica “nas 8 capitais pesquisadas nada menos de 43% dos manifestantes tinham diploma universitário, quando, em 2010, apenas 8% da população possuía o canudo” (SINGER, 2013). Este desequilíbrio entre uma alta escolaridade, baixa remuneração e situações de trabalho precárias, expressa a efetivação das políticas neoliberais. As mesmas se perpetuam com base em um pensamento político antiestatal, e joga os trabalhadores para a informalidade. Estes trabalhadores figuram em um quadro de subemprego caracterizado por baixas remunerações e alta rotatividade. Identificado um perfil de classe média entre os manifestantes e, portanto, com aspirações ao centro, Singer mostra que a localização dos manifestantes nesse espectro ideológico figura em 31%³. Desta maneira, os setores de classes médias vinculadas ao centro, deu espaço para a direita perceber que havia ali uma abertura para expressar um *mal-estar difuso* com a situação do país.

Em uma entrevista fundamental concedida ao programa Roda Viva⁴, o ex-Ministro da Fazenda Ciro Gomes destacou essa convergência. Ele começou discutindo os vínculos profissionais, afirmando que “pequenos e médios empresários, profissionais liberais, o mundo universitário, artistas e intelectuais, em média no Brasil, tendem para o centro. A classe média tem uma tendência ao centro.” (GOMES, 1999). Embora os vínculos de trabalho dos manifestantes possam não ser os mesmos que os mencionados pelo ex-Ministro, suas rendas são semelhantes às usadas por Gomes para identificar essa tendência ideológica. Definir a classe média no contexto brasileiro como aqueles que ganham até cinco salários-mínimos é uma forma de identificá-los.

Uma parte da sociedade começou a demonstrar um comportamento conservador, não estritamente consciente e orientado, mas um conservadorismo pouco informado, com aversão à ida em manifestações e demonstrações públicas do individualismo; um perfil que tende a

² Estas informações estão disponíveis em matéria jornalística publicada por <https://smabc.org.br/>. Com manchete intitulada “Quando mais rico, maior a escolaridade, aponta pesquisa do governo”.

³ QUADRO 4, Localização dos manifestantes no espectro ideológico; SINGER, André V. **Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas**. Novos estudos. **Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções**. nº 97. São Paulo: CEBRAP, 2013.

⁴ Esta entrevista pode ser encontrada neste link que direciona a página que contém o vídeo da entrevista no site UOL; https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/videos/330_roda-viva-ciro-gomes-1999.html.

conservar os costumes e que se assusta com qualquer empreitada a grandes mudanças. Esse perfil, teórica e historicamente, figura na burguesia ou na classe média alta.

A participação das redes sociais neste quadro de manifestações tem um certo objetivo e significados. O grupo político do centro é bastante versátil, possuindo uma agenda que pode incluir pautas tanto progressistas quanto conservadoras. Eles veem nas tecnologias das redes sociais a possibilidade de adotar um discurso moderno e tecnológico, além de se opor às práticas antiquadas do Estado. Por essa razão, a participação das redes sociais foi crucial. O discurso anticorrupção, as críticas e os ataques sucessivos ao governo de Dilma Rousseff, que foram amplamente difundidos nas redes sociais e manifestações de rua, acabaram levando ao impeachment da Presidente. Esse movimento teve sua origem nas manifestações de junho, gerando um mal-estar antiestatal que se espalhou por diversos “recintos” da internet, incluindo artigos e charges. Além de se opor à figura do Estado, também houve rejeição às instituições e ataques ou críticas aos meios de comunicação tradicionais.

A partir deste ponto, passo a examinar o papel direita na disseminação de uma perspectiva política conservadora e neoliberal nas redes sociais. Para tal, utilizo o Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) como exemplo, que, em minha opinião, tornou-se um meio de comunicação de extrema importância para a propagação dessas ideias, conceitos e políticas neoliberais. Analiso cuidadosamente dez textos selecionados do IMB, destacando as técnicas de divulgação de conteúdo que empregam as tecnologias da linguagem e das mídias. Enfatizo sua presença constante nas mídias, o arquivo de publicações online e, a partir dessa análise, apresento algumas afirmações que considero fundamentais.

SOBRE O INSTITUTO MISES, OS TEXTOS E SUAS ABORDAGENS

O Instituto Mises Brasil (IMB) surgiu a partir do Mises Institute (MI), que está localizado em Auburn, nos Estados Unidos. Embora seja independente da versão estadunidense, o IMB tem a liberdade de propor discussões contextualizadas na realidade brasileira, indo além das questões geopolíticas globais. O instituto se estabeleceu de forma organizada, com grupos de estudos em universidades, e conseguiu expandir sua demarcação política, levando suas ideias a todos aqueles que se identificam com elas. Como em qualquer projeto político, seja de esquerda ou de direita, há uma ênfase em envolver jovens e jovens adultos, já que eles são fundamentais para a propagação política. Os jovens não estão presos aos cacoetes da “velha política” e têm a energia necessária para levar o projeto adiante

O Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) age como um coletivo intelectual das vertentes mais conservadoras do pensamento ultraliberal, de inspiração austríaca, bem como dos grupos conservadores que consideram a estrutura estatal e os direitos por ela garantidos como um grande obstáculo para a sua prosperidade material e sua concepção de liberdade. O IMB busca, por meio de suas ações, promover o ensinamento da Escola Austríaca de economia e Escola de Chicago, restaurar o papel crucial da teoria nas ciências econômicas e sociais em detrimento do empirismo, defender a economia de mercado, a propriedade privada e a paz nas relações interpessoais, além de se opor às intervenções do Estado nos mercados e na sociedade. Essa é a concepção que o instituto define para si próprio.

O Instituto Mises Brasil é um *think tank* brasileiro que promove e divulga ideias neoliberais, atraindo principalmente pessoas de centro-direita e direita, ou seja, os que já se identificam como conservadores e os que expressam afetos a essa vertente. É possível compreender a emergência de uma centro-direita anti-estatal no Brasil ao analisar as jornadas de junho de 2013. Nesse contexto, o Movimento Passe Livre (MPL) atuou como um aparelho de divulgação nas mídias sociais, e o Instituto Mises Brasil assumiu o protagonismo após esse período. Embora não tenha convocado manifestações, o instituto busca infiltrar-se no tecido social e disseminar suas ideias por meio de diversas formas de atuação.

Sua apresentação nas mídias é entendida como “uma associação voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre” (DAL PAI, 2018). Buscando identificar seus intuítos acadêmicos ou político, compreendo que a visão do Instituto Ludwig von Mises Brasil é de que uma sociedade livre deve ser alcançada através do respeito à propriedade privada, às

trocas voluntárias entre indivíduos e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Por essa razão, o instituto espera que suas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que esses princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais. O Liberalismo demonstrado nos textos do IMB, em sua essência, passa, em determinado momento, por uma fragmentação. Essa ação o expõe a uma necessidade de repensar alguns elementos do capitalismo. O capitalismo não é só um meio de produção, mas, também, uma forma de vida. O IMB reitera muito este ponto: o estilo de vida do empresário, da alta classe. O site do IMB⁵ é repleto de entrevistas com os donos dos meios de produção. Conduzem seus anseios políticos defendendo um estilo de vida, que apresentam como mais interessante. Breve referência do que falo, Margareth Thatcher, umas das grandes representantes do neoliberalismo, comenta: *a economia é um método, o objetivo é mudar os corações e a alma. (THATCHER. 1980).*

Analiso, a partir daqui dez artigos do IMB, seguindo, basicamente, dois critérios: *engajamento nas mídias sociais e temas “cruciais”*. Por temas cruciais, entendo assuntos sérios, porém banalizados, que estão sempre em voga no cotidiano, a exemplo de um texto abordado, intitulado *Karl Marx e a diferença entre comunismo e socialismo*. Notemos um problema epistemológico antigo, que, por momentos, escapa a um leitor pouco instrumentalizado. Mas o mesmo assunto pode ser encontrado com facilidade em debates públicos sem um rigoroso respaldo teórico. Por engajamento, compreendo artigos com muitas curtidas e comentários na rede social *Instagram* e também com muitos comentários no próprio site do IMB. Essas duas situações de interação não expressam sentido de valor, se o artigo em questão é bom ou não. Apenas mostra que o artigo gerou uma comoção social, portanto chegou a milhares de pessoas. Estes artigos me parecem importantes para análise, pois os mesmos têm intuitos que podem não estar claros por meio de uma breve leitura.

Notas sobre as metodologias e limitações para discussão do texto:

Os textos selecionados para análise se passam nos anos de 2016 até 2021. Período esse que abrange acontecidos, movimentos e acenos políticos anteriores a eleição do ex-presidente Bolsonaro. E momentos de intensa ação de seu então presente governo, guiados pela ultradireita. A figura do ex-presidente não é essencial, no sentido de falar-se sobre o mesmo em vários momentos. Mas ela demarca uma intensa ação de atores e ações neoliberais presentes durante sua gestão. Portanto, um elemento importante.

⁵ Disponível no link a seguir: <https://mises.org.br/>.

Além deste recorte para a escolha dos textos do IMB, utilizei da análise dos artigos publicados na rede social Instagram. É nesta rede social que os leitores vão interagir com mais frequência. Alguns internautas, a partir do Instagram, acessam o site e fazem seus comentários por lá. Assim, analiso a relevância do texto veiculado no Instagram como no site oficial. A relevância do artigo dar-se pelo seu envolvimento com os internautas. O envolvimento (*Engagement*): é um fator importante para medir a relevância de uma publicação no Instagram. Isso inclui curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos. Quanto maior o envolvimento do público com a publicação, maior será sua relevância percebida pelo algoritmo. Com trato no texto, a recorrência dos artigos que Instituto Mises produz é um fator de consideração. Toda semana, pelo menos duas vezes, eles produzem artigos para sua rede de seguidores. Desta maneira, é pertinente a recorrência dos assuntos políticos, assim o Instagram valoriza a consistência na publicação de conteúdo. Se um perfil possui um histórico de postagens regulares e consistentes, isso pode aumentar a relevância de suas publicações

Outro método utilizado foi a verificação de recorrência/repetição de palavras nos textos analisados. A partir do processador linguístico da Insite, foi possível ver a recorrência de palavras citadas após a inserção do texto. O aplicativo realiza uma análise completa, identificando todas as palavras presentes e contabilizando sua frequência. Ele também calcula a porcentagem de cada palavra em relação ao texto total, fornecendo uma perspectiva quantitativa da importância relativa de cada termo. Logo adiante, falarei sobre os significados por trás da reprodução de palavras conceito.

Avanço a análise sobre os artigos que se preocupam em teorizar, de alguma forma, os problemas reais do Brasil. Percebo alguns pontos comuns à escalada da chamada nova direita. Antes de pensar nas variações e estágios da direita no Brasil, digamos assim, é importante notar que ela não é um consenso, “a direita no Brasil não pode ser entendida a partir de uma homogeneidade ideológica, pois abarca conflitos intraclasse.” (CASIMIRO, 2018, p. 164). Mesmo que os artigos levantados não apresentem rigor acadêmico, eles expressam alguns posicionamentos políticos efetivos e tentativas de intervenção. Os artigos listados têm caráter de ataque, de intervenção. É, na maioria das vezes, a forma com que buscam mais apoiadores. Ou seja, atacando um grupo e buscando apoiadores para si que se identificam com os ataques que o Instituto propagou. A partir de uma lógica heterogênea de “nós” contra “eles”. Os artigos podem ser entendidos como panfletos políticos. Em busca da melhor forma de circulação das ideias no cotidiano da população. O IMB dedica uma efetiva atenção aos acontecimentos políticos do cotidiano. Conduzindo, a partir desses momentos, a expressão de

suas ideias. Bem como as críticas de seus inimigos políticos. Por estarem atentos e atualizados, a população consegue engajar nas suas narrativas, por isso seus mecanismos de divulgação de ideias são tão eficientes.

Faço a seguir uma análise dos 10 artigos selecionados. Ela baseia-se em três partes: *tema, argumento e conclusão*. Elenco, assim, os principais pontos de divulgação política ideológica do IMB, reiterando seu alinhamento com o conservadorismo de direita. Paralelamente é possível notar o desenvolvimento de uma massiva plataforma de divulgação. A capitalização dos recursos de mídias pelo IMB não só se expressa como sua melhor ferramenta, mas também dá o sentido de como devem ser as políticas neoliberais, pouco preocupadas com a empiria relativa à vida cotidiana brasileira. Os artigos analisados dão fundamento aos meus encaminhamentos. Em suma, posições teoricamente promissoras acabam por se tornar utopias. Em outras palavras, é algo que pode ser visto como um sonho ou ideal, mas que não é possível de ser concretizado no mundo real deveras a complexidade da realidade brasileira.

Dos textos que tratam sobre economia e política:

O primeiro texto é *Afinal, o que houve com Paulo Guedes?!* O artigo tem como objetivo principal trabalhar comentários críticos sobre economia política brasileira. Pensa sobre as dificuldades presentes e as possibilidades do que ainda pode ser feito, bem como promessas econômicas não cumpridas pelo ex-ministro da economia, Paulo Guedes. O artigo argumenta sobre diminuição de impostos, abordagem corriqueira nas políticas neoliberais. Critica as formas de arrecadação do Estado, principalmente a ideia de arrecadação sobre lucros e dividendos. Continua-se com as críticas a um estado gastador, que não tem controle com relação a melhor aplicação do dinheiro arrecadado. O Estado, via de regra, aparece com um péssimo gestor das finanças e por isso deve ser passado à iniciativa privada. O texto é concluído com críticas à atuação do Estado, aos malefícios administrativos deixados pelas gestões de esquerda. Isso o impede de avançar nas políticas liberais que julgam importantes. Trabalham o pedido de uma reforma administrativa como condição primeira para dar prática às políticas neoliberais, que se resumem a um trabalho contínuo de privatização e implementação de um ideal de livre mercado.

O segundo texto é *Atacar os ricos é atacar nosso próprio padrão de vida*. A matéria principal do texto é composta de comentários sobre economia, na tentativa de cativar as massas a aceitar o estilo de vida burguês como sendo o melhor. Dessa forma, romantizam as desigualdades transmutadas por uma forma de agir no cotidiano, que, portanto, não pode ser

atacada ou criticada dado o grau de abstração do estilo de vida. Conduzem comentários sobre a estratificação por meio do trabalho e reivindicam, constantemente, a economia política neoliberal como solução. O texto argumenta em favor da diminuição de impostos. Continua, invariavelmente, contrário à taxação de lucros e dividendos e de grandes fortunas nas pessoas física e jurídica. O texto é concluído com a noção de que taxar os ricos dificultaria a produção de renda e riqueza. Afetaria o emprego e renda, porque, se os ricos são taxados, não há como investir, investir e criar mais condições de trabalho. Notem que este raciocínio é trivial. O motivo de trabalharem para não serem taxados não é porque estão preocupados com a empregabilidade, mas com a manutenção de suas fortunas monopolizadas. Uma eventual taxação incidiria sobre os lucros, ou seja, entende-se que o capital de manutenção e reinvestimento das empresas já foi aplicado. Portanto, o argumento não engendra encaminhamentos a respeito do desemprego. São encaminhamentos que visam a manutenção do *status quo* e do poder burguês.

O terceiro texto é *Entenda por que é impossível acabar com a pobreza por meio da redistribuição de renda e riqueza*. O texto trabalha comentários sobre economia, majoritariamente apontando críticas à situação brasileira. Por conseguinte, desenvolve comentários sobre bem-estar social, no sentido estrito da frase, que não tem a ver com o *welfare state* de maneira propriamente relacionada. Os comentários baseiam-se na noção de que distribuir rendas não acabaria com a pobreza. Segundo os mesmos, o que acaba com a pobreza é aumentar a renda total de cada indivíduo. Argumentam sobre a distribuição de renda como impossível gerar um resultado profícuo. Este é um assunto bastante discutível. Mas, o que está por trás disso é o tratamento da distribuição de renda como um valor fixo para todos. Não compreendem que há formas de redimensionar a riqueza ao menos favorecidos. Ignoram, necessariamente, a possibilidade de expansão da riqueza a partir de cada indivíduo e suas potencialidades. O texto conclui que a redistribuição de renda não é o caminho: quanto mais empreendedores, mais será a oferta de bens e serviços, aumentando a renda de todos.

O quarto texto é *Não importa a intenção: gastos do governo sempre geram lucros privados e prejuízos socializados*. Como o próprio título prenuncia, o texto inicia criticando uma efetiva má gestão do estado quando o assunto é finanças – uma máxima que parece se estender no tempo. Centralizam os discursos na grande área de economia política, efetivando críticas aos gastos do estado. O autor constrói um argumento de que o estado lucra muito com o que chamam de *rent seeking* ou *busca pela renda*, a partir de algumas situações em que o Estado pode arrecadar dinheiro – como através da corrupção, superfaturamento etc. O texto é

concluído com um argumento afrontoso sobre os empreendimentos do governo voltado às classes desfavorecidas. Afirmam que todo programa social, ou de infraestrutura, tem algum tipo de enriquecimento ilícito em favor do próprio Estado ou o empresariado conduzido pelo Estado, sempre com a sombra da corrupção.

O quinto texto é *O Marx que a esquerda desconhece – contra o protecionismo, anti-keynesiano e pró-livre concorrência*. O artigo tenta recorrer a uma abordagem mais teórica, buscando argumentar sobre teoria política e economia, e carregando críticas ao marxismo de maneira veemente. O autor constrói o argumento de que na intervenção do Estado não há eficiência nas entregas de serviços, e defende uma produção de bens e serviços de qualidade e com preços baixos. Defende também que esse tipo de serviços, entendidos como os melhores dentre os possíveis, só pode ser ofertado pela iniciativa do livre mercado. Aparentemente, a iniciativa privada presta os melhores serviços, como se a mesma não cometesse erros, fraudes e danos aos clientes em inúmeros casos, corriqueiros e fáceis de serem encontrados pela internet ou experiência pessoal. Em conclusão, reafirmam a defesa do livre mercado e da iniciativa privada a partir de uma deturpação da bibliografia marxista.

O sexto texto é *Quem vigia o STF?* O texto se estrutura sobre narrativas a respeito da burocracia brasileira. O texto argumenta sobre a fragilidade da democracia brasileira e a autonomia dos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo. Discorre com ênfase sobre o Judiciário, notadamente sobre o Supremo Tribunal Federal. Percebe-se com facilidade a linguagem de ataque que o texto carrega, com ênfase em desprestigiar o poder e autonomia do STF, bem como seus deveres em relação ao presidente. O exemplo prático mais próximo a se citar são os recorrentes ataques do ex-presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores ao Judiciário enquanto instituição, bem como ataques às pessoas dos magistrados. Salienta-se um debate sobre quem deve punir ou rever as decisões do STF. O texto conclui com uma narrativa intencional. À sua maneira, pretende, a meu ver, desenvolver uma desconfiança em relação ao STF, enraizar uma crítica à instituição.

Das outras abordagens: sobre teoria social, educação e ideologia:

O primeiro texto é *Karl Marx e a diferença entre comunismo e socialismo*. Ele tem como argumento principal discutir teoria política e marxismo. Desenvolve a separação entre comunismo e socialismo. Faz este movimento de maneira intencional. Dessa forma, apresenta ao leitor a versão neoliberal sobre essa divisão epistemológica, inevitavelmente deturpando os manuscritos marxistas. O texto é concluído com o comentário de que o mercado de consumo,

o livre mercado condicionador do comércio de transações, os preços e outros assuntos da economia capitalista são inviáveis de serem pensados dentro desses dois sistemas.

O segundo texto é *Por que os intelectuais odeiam o capitalismo?* Traz abordagens novas. O texto argumenta sobre ideologia política e educação. Faz parecer que o sistema de educação pública não funciona e é repleto de cooptação político partidária. Desenvolve o argumento de que todos os intelectuais são, predominantemente, de esquerda. Se não são de maneira explícita, os mesmos compactuam com ideologias políticas de esquerda de alguma forma. O texto é concluído com a afirmação de que essas pessoas – intelectuais, artistas, atores, etc. – sempre estarão contra os empresários. Da mesma forma, desenvolvem no imaginário popular a ideia de que todos esses pensadores são comunistas e por isso devem ser desprestigiados.

O terceiro texto é *Sim, a escola está destruindo gerações e causando estragos profundos*. Traz uma nova abordagem. O texto argumenta em cima comentários gerais sobre educação, defendem o *homeschooling*, e fazem diversas críticas ao sistema educacional vigente. A defesa do *homeschooling* não fundamenta muito bem o método de ensino em casa. Mas o autor sai em defesa da educação em casa por causa de uma frustração geral com o ensino presencial. Mas não consideram, também, os riscos da educação longe da interação escolar. Não mostra as possibilidades de êxito deste sistema de educação. Apenas o mostram como uma ótima possibilidade. O texto é concluído com uma abordagem de quais disciplinas o ensino teria que abranger na grade curricular para ser classificado como bom. Entre as disciplinas, empreendedorismo, gestão e inovação são os carros-chefes.

O quarto texto é *O politicamente correto ataca um direito humano básico: a liberdade de pensamento e de expressão*. Em seus argumentos, trazem uma abordagem que se sustenta nas bases do liberalismo clássico. O liberalismo, elevado aqui ao seu máximo, dá a entender que os indivíduos podem fazer e falar tudo o que desejem. O texto aborda o politicamente correto, que é uma demarcação política de certas ações políticas históricas, sobre o uso de termos racistas, frases, dialetos que se fixam no linguajar do cotidiano. Passa a ser entendido como um cerceador da liberdade de expressão. Todos devem falar o que quiserem, e o politicamente correto é uma forma de controle. O texto é concluído com a narrativa de que é preciso defender a liberdade de expressão a todo custo, e entende que os intelectuais incapazes utilizam o politicamente correto para se defender de debates mais densos.

Dou sequência à análise a fim de contextualizar melhor as publicações do IMB, bem como para trazer os cruciais assuntos que seus autores abordam. Menciono a seguir algumas

informações. O Instituto Mises Brasil, no momento mesmo em que redijo este trabalho, conta com 483 *podcasts* e 2.470 artigos publicados. Todos os dias, os organizadores do site trabalham para produção de matérias. Aproveitam principalmente o engajamento típico do *Instagram*. Constantemente, atraem empresários para dar seus depoimentos vitoriosos. Tentam demonstrar, assim, que qualidade de vida só se alcança por meio das políticas neoliberais. Para reforçar minha análise, relato três episódios de *podcasts* nos quais fica nítida a imputação da forma de vida neoliberal conduzida por pessoas que lograram êxito dentro desta lógica, fazendo a discussão ser, de certa forma, muito atrativa para o jovem que está começando a vida. Os *podcasts* são: podcast nº468 – *Como engajar os jovens no movimento liberal*; podcast nº461 – *A chama liberal permanece acesa*; podcast nº422 – *A nova geração de youtubers e o anarcocapitalismo*.

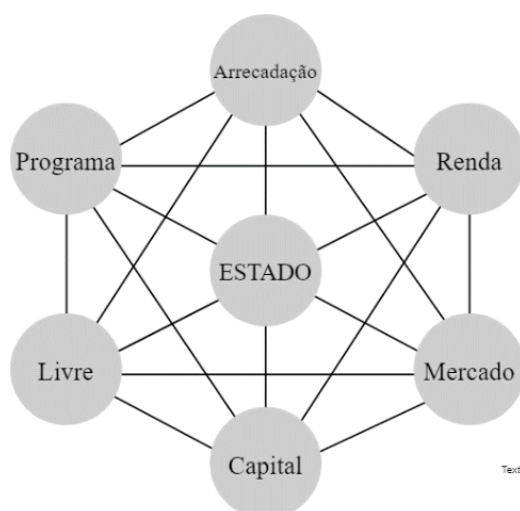
Reitero o foco nas universidades, por ser um espaço no qual pode ser encontrado este público. O IMB fornece cursos livres e de pós-graduação em economia, com ênfase na escola da Chicago e na escola Austríaca de economia. Desta forma, estruturam-se ainda mais suas bases de divulgação e passam, paralelamente, uma seriedade comum às universidades. Soando cada vez mais atrativo.

Fechando essa abordagem, faço um esboço demonstrativo das palavras mais utilizadas dentro de todos os textos mencionados. Utilizo uma ferramenta de contagem de palavras. O software *linguística insite*⁶ oferece mecanismo de contagem de palavras repetidas, porcentagem de uso das palavras, frequência etc. Apresento as palavras que tiveram uma taxa acima de 2% de repetição. Isto é, sua repetição nos textos dá-se por volta de 15 vezes. O intuito do esquema demonstrativo é mostrar que algumas palavras que são enfatizadas na escrita do texto estão cumprindo um objetivo de fixação.

Segue o esquema demonstrativo das palavras mais recorrentes:

⁶ O aplicativo Linguística Insite conduz pesquisas e desenvolve produtos nas áreas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), organização de conhecimento em bases de dados, sistemas de recuperação de informação e aplicações de Inteligência Artificial. Disponível no site: <http://linguistica.insite.com.br/>.

(Fonte: elaboração pessoal)



É justamente por meio da repetição de palavras específicas que a ideologia é trazida para a discussão. Palavras constantemente utilizadas podem ajudar a encontrar conteúdo na internet. Quando uma palavra é utilizada frequentemente em um texto ou em diversos textos relacionados a um determinado assunto, ela pode se tornar um termo de busca comum para encontrar mais informações sobre esse assunto. Por exemplo, se várias notícias sobre um evento atual utilizam as palavras “crise” e “governo”, essas palavras podem se tornar termos de busca popular para encontrar mais informações sobre a situação atual de governos em questão. Além disso, muitas ferramentas de busca, como os motores de busca do Google, usam algoritmos que consideram a frequência e a relevância das palavras-chave em relação ao assunto pesquisado. Portanto, assim como mencionam no texto em titulado “O Mecanismo da Repetição em Textos publicitários”, Helena Ferreira e Mauricéa Vieira, conduzem a argumentação que, a meu ver, exemplifica a intenção por meio da recorrência das palavras;

O texto publicitário caracteriza-se, assim, pela miscigenação de criatividade e de repetição. De acordo com Romualdo (1995), a criatividade é uma propriedade inerente à linguagem. Todavia, reconhecer a importância da criatividade não pode implicar na negação da importância da repetição, ou seja, “todo discurso comporta sempre um certo grau de repetição. [...] repetição e criação estão sempre simultaneamente na linguagem.” (p. 3)

Desta forma proporcionam um acionamento, a partir da palavra/termo, que produz a circulação em debate. Todas essas palavras podem ser trazidas para debate e as mesmas acionam termos do pensamento liberal. Entendo, dessa forma, que a recorrência de uso das palavras não é mera coincidência. A *arrecadação*, a exemplo, dá espaço aos debates sobre

monopólio, taxações e patrimônio pessoal. Isso vale também para *renda*, que pode ser abordada a partir da lógica de aumento de renda das pessoas a partir da livre iniciativa. Mas também se critica o Estado e suas formas de arrecadar renda sob as formas dos impostos. As assimilações e metodologias são as mais amplas.

ANALISANDO AS NOÇÕES DE BEM ESTAR SOCIAL E ECONOMIA POLÍTICA

O debate rígido sobre economia política que se apresenta dentro das universidades, em sua maioria, não consegue se estender ao diálogo popular. Alguns termos técnicos e conceitos podem ser utilizados – correndo risco de deturpação –, para fazer com que uma ideia circule no tecido social. Minha tentativa de trazer a percepção de bem Estar Social aqui não é a noção rígida de *welfare state*, (caracterizado por um esforço abrangente de reconstrução nas esferas econômica, moral e política. No aspecto econômico, houve uma ruptura com a ortodoxia da pura lógica de mercado, priorizando a ampliação da segurança no emprego e a consolidação dos ganhos como direitos fundamentais da cidadania), por mais que seja bastante semelhante. Trato aqui de uma questão íntima com a preocupação com a qualidade de vida, saúde e condições de sobrevivência dos menos favorecidos. Entendo que a social-democracia, sobretudo com o exemplo da Escandinávia⁷, busca respaldo no pensamento do Estado de bem-estar social, porém de forma organizada e como plano político.

Os liberais que escrevem a partir do IMB não estão preocupados nem com a noção parte do Welfare State que conduz melhoria de vida e dignidade aos menos favorecidos, nem mesmo a noção de *empatia*. Percepção íntima de zelo com o “outro” que se apresenta em estado de vulnerabilidade social ou desamparo. Em seus discursos, defendem o emaranhado de formas de ação que o livre mercado pode propor a uma comunidade, com ênfase em um Estado capitalista forte. Desse ponto de vista, isso aprimorará as condições de vida, sobretudo para os menos favorecidos, ensejando ascensão social. Pensar em bem-estar social, aqui, quer dizer dar atenção ao plano político de um Estado mais participativo nas condições de vida comum. Trata-se de algo semelhante à filantropia, isto é, uma preocupação política com o bem-estar de vida dos que se encontram, por aí, em situação de risco e vulnerabilidade. Aos que não são assistidos em situação de desamparo, há, por outro lado, os que abrem mão do respaldo social em prol de uma liberdade evanescente. Refiro-me a explanação de uma vertente educacional.

A Economia Política tem se dedicado a entender as mudanças sociais e as transformações histórias e políticas. Para alguns autores, como Adam Smith, David Ricardo e Stuart Mill, isso significou compreender a grande revolução capitalista. Atualmente, tentamos compreender novos fenômenos sociais. Todas as alianças ou grupos políticos com determinados projetos de dirigir uma sociedade, costumam construir uma certa narrativa que

⁷ ESPING-ANDERSEN, Gøsta. As três economias políticas do welfare state. Lua Nova, São Paulo, n. 24, p. 85-116, 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451991000100005. Acesso em: 28 abr. 2023.

envolve o passado e o futuro. O passado para justificar o que deve ser mudado e assim, efetivar no futuro, sua “tarefa histórica”. Porém essa determinada tarefa, “não pode ser apresentada como produto de interesses particulares, mas como expressão do interesse público de superar crises causadas, presumidamente, pelos grupos e projetos os quais devem ser substituídos” (BASTOS, 2012).

O IMB utiliza o interesse público como uma estratégia para conquistar o imaginário popular, o que é evidenciado em sua produção textual. A partir de temas que ressoam no cotidiano da população, especialmente em um contexto de política neoliberal voltada para a liberdade individual, os autores do IMB capturam essas questões e habilmente as articulam a um discurso neoliberal, conferindo-lhes uma nova roupagem. Um desses exemplos é o *homeschooling*, uma forma de conduzir a educação básica que, como o nome diz, é desenvolvida em casa. Trata-se de uma forma de ensino em que os próprios pais e professores contratados pelos responsáveis decidem o que é mais relevante para a educação das crianças e adolescentes.

Conduzir uma narrativa de método de educação que afetará milhares de jovens brasileiros sem ponderar os contras – que, aliás, me parece muito tendencioso. Posso listar aqui ao menos três pontos de contrapartida em relação a este método educacional e seus efeitos. 1 Isolamento social: as crianças que são educadas em casa podem ter menos oportunidades de socialização com outras crianças da mesma idade, o que pode afetar o desenvolvimento social e emocional. 2 Qualidades da educação: embora muitos pais que praticam o *homeschooling* afirmem que essa abordagem proporciona uma educação mais individualizada e personalizada, isso nem sempre é verdade. Alguns pais podem não ter as habilidades ou conhecimentos necessários para fornecer uma educação completa e de alta qualidade para seus filhos. 3 Preparação para a vida adulta: muitos críticos do *homeschooling* argumentam que as crianças educadas em casa podem não estar preparadas adequadamente para lidar com as realidades do mundo adulto, como trabalhar em equipe e lidar com pessoas com opiniões e perspectivas diferentes.

Percebo que essa abordagem busca atrair possíveis apoiadores por meio da promoção da ideia de liberdade individual. Para os defensores do *homeschooling*, a possibilidade de guiar a própria educação dos filhos em meio a um sistema educacional precário é vista como uma salvação às políticas educacionais e, ao mesmo tempo, como uma conquista política da tradição liberal. Entretanto, o argumento apresentado pelos autores que defendem essa prática é superficial, sem detalhamento, dados demonstrativos ou estudos aprofundados. Através da

promoção do *homeschooling*, eles difundem o discurso neoliberal na sociedade, sem levar em consideração a praticabilidade dessa forma de educação no contexto brasileiro.

A falta de análises de curto, médio e longo prazo torna essa abordagem simplista, apesar da importância do tema em questão. O que relato aqui pode ser, paralelamente, entendido como uma tentativa de desenvolver um estilo de vida. Uma forma que envolva economia política como meio de possibilitar a manutenção da forma de vida que julgo ser melhor para o “eu”.

O Instituto Mises Brasil tem um plano político que difunde a ideia do livre mercado através de seus intelectuais, empresários e membros do mercado financeiro. No entanto, os arranjos políticos neoliberais sempre rejeitaram a ideia de redistribuição de renda e argumentam que o livre-comércio beneficia a todos, inclusive os menos favorecidos. Essa visão ainda reflete traços do liberalismo clássico, como a ideia da mão invisível mencionada por Smith⁸, que defendia a equalização das desigualdades sociais e o desenvolvimento do comércio sem barreiras. No entanto, essa abordagem se mostrou obsoleta.

Os liberais da atualidade desenvolvem melhores seus conceitos e entendem que a participação do Estado – apesar de sua postura crítica à instituição –, é indispensável para o que seria o pleno funcionamento do sistema de trocas. Essa repaginação das ideias liberais passa por uma reorganização segundo a qual o Estado é parte ativa na condução das práticas comerciais. Em sua tese de doutorado intitulada *Menos Marx, Mais Mises; o liberalismo e a nova direita no Brasil*, Camila Rocha faz um relato breve do rastreamento da mudança.

[...] o Estado possui um papel ativo como *promotor* do livre mercado. Assim se para os adeptos do *laissez-faire* o Estado não deveria ter papel algum na regulação da economia, os neoliberais acreditam que o Estado deve atuar no sentido de criar um aparato jurídico-legal para fomentar o bom funcionamento do livre mercado, daí a novidade que justifica o emprego do prefixo “neo”. (ROCHA, 2021, P. 25).

Um dos autores que escreve regularmente para o IMB aborda temáticas centrais que são fundamentais para o funcionamento do sistema capitalista: o livre comércio e a acumulação de riqueza. Em suas análises, o autor identifica as relações atuais do liberalismo em relação à participação do Estado. Doug Thorburn, planejador financeiro e engenheiro eletricista, é o autor do artigo “Atacar os ricos é atacar nosso próprio padrão de vida”, citado anteriormente. O título do texto, à primeira vista, suscita questionamentos. Embora a maioria das pessoas possa reconhecer a classe burguesa dentro da esfera social, ela não é definida apenas pelo poder financeiro, mas também por outros aspectos, como a utilização própria da arquitetura. No que diz respeito ao pronome indefinido “nós”, é necessário refletir se ele se

⁸ Prado, E. F. S. (2005). Uma formalização da mão invisível. *Revista de Economia Política*, 25(1), 87-105.

refere a uma tentativa de unir todos os níveis sociais, ou se é utilizado apenas pela classe à qual pertence o autor.

Sendo um Think Tank conservador que tem como base o livre-comércio e a defesa do capital, o IMB é, segundo Rocha (2021), o mecanismo que conduziu a disseminação do ideário pró-mercado para um público mais amplo no Brasil. Ocorreu a partir de 1970, e é possível notar que seus membros têm algum tipo de pertencimento a esse recorte social. Por essa razão, frequentemente encontramos grandes empresários e intelectuais liberais-conservadores em suas atividades e eventos. O objetivo principal desses grupos é proteger seus interesses financeiros e garantir que o Estado não interfira em seus ganhos. Apesar de terem pontos de vista divergentes, todos compartilham a defesa do capital e do acúmulo de riqueza. O empresariado ruralista, por exemplo, pode demandar coisas diferentes do empresariado da FIESP, mas ambos buscam a proteção de seus interesses financeiros. Isso fica evidente em trechos escritos pelo autor.

Eu gostaria que o governo diminuísse sua tributação, de modo que estes ricos pudessem ficar com uma fatia muito maior de seus ganhos. Aliás, eu gostaria que eles ficassem com 100% dos seus ganhos. (THORBURN, 2017). *Primeira citação*

Os benefícios do capital — de propriedade tanto de super-ricos como da classe média-alta que faz investimentos — são fornecidos para nós, desde smartphones e notebooks, passando por viagens à Disney e cruzeiros oceânicos, até coisas elementares como alimentação, roupas e hospitais. Todos nós usufruímos tudo isto por uma pequena fração do custo total desse capital. (THORBURN, 2017). *Segunda citação*

O debate sobre a tributação de grandes riquezas, heranças, lucros e dividendos é recorrente e é conduzido principalmente por partidos políticos progressistas, que buscam utilizar esses recursos para equilibrar desigualdades sociais, investindo em áreas como educação básica e combate à fome. No entanto, essa abordagem é vista como problemática pelos liberais, que se opõem à taxação de grandes fortunas e defendem outros meios de arrecadação. Thorburn, por exemplo, deixa claro em suas escritas que é contra a ideia de taxar grandes fortunas, o que demonstra o quanto essa questão é importante para os defensores do liberalismo econômico.

O autor em questão, inserido na lógica do capital de livre mercado, tem uma visão desfavorável em relação à possível implementação de políticas governamentais que incluam cobrança de imposto progressivo sobre lucros e dividendos. Isso porque tais políticas não são favoráveis aos negócios. Além disso, tanto a alta dos juros quanto a inflação indicam um descontrole econômico do país, e não são benéficas para nenhum dos lados do debate em questão.

Para o proletariado, dificulta o acesso de compra de vários bens e serviços. Para a alta burguesia, significa uma apreensão de um possível aumento de capital, como também a diminuição de poder de compra, tanto para os desfavorecidos financeiramente, como para a classe média alta. Tenho em mente que a contrariedade à alta dos juros faz com que toda a população compre esse discurso. Efetivamente, ninguém luta por um aumento generalizado de juros. Mas há um objetivo por trás disso.

Os autores do IMB, cientes de que a massa da população não compreende tópicos de economia política, propagam tais ideias. Assim passam a desenvolver um avanço da militância contra os impostos e a luta contra a taxação de grandes fortunas. Tendo em vista que a população desprovida de um conhecimento técnico de gestão de renda e riqueza não questionará sobre superfaturamento de um bilionário. Nem questionaria ou pediria detalhes sobre o que um dado montante financeiro, direcionado a políticas públicas, produziria na sociedade. Há, assim, uma tentativa de captura de novos apoiadores por meio da observação do discurso popular. Há uma certa dificuldade por parte de algumas pessoas em entender as possibilidades da aplicação dos recursos provenientes da taxação de lucros e dividendos em políticas públicas. No entanto, para os autores do IMB, qualquer tentativa do Estado em intervir no empresariado e na burguesia é vista como algo a ser repudiado, conforme suas ideias propagadas em seus escritos.

Thorburn, na segunda citação, nos faz questionar: para quem este autor está falando ou destinando seus textos? O que se pode retirar daqui é uma noção que é bastante observada nos discursos populares. A ideia de que, por meio da taxação de fortunas, os ricos e empresários, teriam uma imensa dificuldade de reinvestir esse dinheiro no mercado. Mercado esse que produziria ainda mais possibilidades de emprego, bens e serviços. A possibilidade de taxar grandes fortunas é prevista na constituição brasileira de 1988, inciso VII do Artigo 153. Estabelecida uma porcentagem, busca-se identificar o 0,1% da população que detém a maior renda do país. Com isso, não seria apenas tributar seus ativos, mas, também, desenvolver regras mais rígidas contra sonegação do imposto. Portanto, cobrar uma taxa de 0,7%, como no caso da Noruega e Suíça, não é o que vai deixar os empresários milionários mais pobres para poder reinvestir. Uma população com índice de desigualdade baixa lhes renderia ainda mais lucro. Assim, uma parte ainda maior da população poderia participar do comércio.

O autor, por fim, ressalta as criações de lazer e mobilidade, que só foram capazes de serem desenvolvidas por conta do investimento dos super-ricos e da classe média alta. Elementos como viagens à *Disney*, e acesso a *smartphones*, são, segundo ele, de acesso a

todos. Ou, pelo menos, possivelmente acessíveis. Diz o autor que todos nós usufruímos desse ônus que advém do investimento de capital e que por esses motivos, não pode ser taxado. Novamente, o autor traz o pronome “nós” à tona. Penso que, por ser um texto de opinião pública, é voltado a uma parte da população que não pertence a elite econômica. Nota-se que, a partir da localização social que o autor escreve, todos têm acesso aos lazeres descritos pelo próprio. Mas a realidade do Brasil não mostra nada perto disto.

Portanto, os escritos deste autor, bem como outros autores do IMB, estão preocupados em teorizar em defesa de sua classe social. Seu recorte político é a classe média alta. Por conta disso, alguns exemplos trazidos pelos mesmos em suas escritas nos parecem muito distantes da realidade. Mas a população, fragilizada por instabilidade econômica e polarização, vê nesses escritos uma possibilidade de mudar sua realidade financeira para alcançar padrões de vida semelhantes. Essas mesmas pessoas, que, não pertencendo às elites, mas sendo favoráveis aos discursos, não conseguem perceber que a ideia de redistribuição de renda tem, aliás, um caráter liberal.

Ao se diminuir a desigualdade na distribuição de riqueza, é possível assegurar uma competição mais justa na sociedade. O livre mercado neoliberal, sem nenhuma intervenção estatal, pode resultar em monopólios, o que não garante a redução da desigualdade, como defendido pelos seus apoiadores. Essa situação é prejudicial para todas as partes envolvidas.

OS INTELLECTUAIS E ARTISTAS SOB O OLHAR DO IMB

No cerco da polarização que se efetiva nos dias atuais, alguns debates centrais sobre a organização da sociedade, como a educação, são caros e constantes no embate político. Dentro desse cenário, abre-se espaço para se pensar em uma questão maior, talvez, uma questão que marque um período político. Refiro-me à desconfiança em relação à ciência. A onda de anti-intelectualismo se efetivou nos últimos quatro anos. Não só isso, elaborações e projetos anticientíficos, dos mais diversos tipos, emergiram e começaram a se consolidar. O combate preventivo da COVID-19 deu origem a inúmeras teorias da conspiração: tratamentos sem nenhum respaldo científico, com as mais estranhas estratégias, etc.

Durante estes anos, não foi apenas este ponto que dominou grande parte das discussões. Outros problemas em relação ao intelectualismo também se tornaram evidentes. Um dos autores ligados à Escola Austríaca de Economia e colaborador do Instituto Mises Brasil escreveu um artigo que repercutiu bastante nas mídias sociais. Jesús Huerta de Soto, espanhol e autor do texto intitulado “Porque os intelectuais odeiam o capitalismo”, levanta questionamentos desde o título. O primeiro ponto de crítica é em relação à linguagem utilizada. O panfleto não apresenta uma organização metódica e cuidadosa das ideias apresentadas, o que é comum no ambiente acadêmico. O objetivo do texto é político e visa disseminar algumas ideias de forma mais fácil. É um texto de combate. No entanto, ele não foi disponibilizado para um público amplo e ficou restrito à plataforma online do IMB, sem a escrita usual em abordagens jornalísticas, por exemplo. Sua linguagem coloquial parece ter sido extraída de uma palestra ou comício. Evidencia o caráter de divulgação descompromissado com a empiria e a pesquisa científica. A generalização, por si só, é uma manobra argumentativa que pode causar situações constrangedoras. Soto trata a comunidade de intelectuais como um *corpo*, e trata toda sua argumentação como se a classe de intelectuais fosse uma só pessoa, que pudesse ser hostilizada.

Em sua argumentação, Soto generaliza suas críticas e em nenhum momento aponta o nome de alguém. Entende-se que ele se refere a todos os intelectuais, inclusive aqueles em quem se inspira, como o próprio Mises, Hayek, Rothbard, Friedman. Em sua narrativa, sem muito cuidado sobre o que argumenta, engloba os próprios intelectuais defensores do capitalismo e do livre mercado. A tentativa de também envolver os artistas expressa um esforço de criar uma caricatura sobre essas pessoas que vivem da livre produção artística e da produção de ideias. Ou seja, tudo aquilo que é diferente do empresariado comum para eles. É

notável o esforço entre os próprios autores do IMB em evidenciar quem são seus intelectuais. Assim, a partir disso, busca-se hostilizar aqueles que não se alinham à sua corrente de pensamento. Cria-se uma narrativa anti-intelectualista, que, entretanto, dá crédito aos seus próprios representantes intelectuais. Esse movimento funciona como um mecanismo de combate ao outro que pensa e age diferente. Cito as partes que caracterizam os intelectuais divergentes de uma base teórica neoliberal e conservadora:

E, atualmente, não tenham nenhuma dúvida: desde atores e atrizes de cinema e televisão extremamente bem remunerados até intelectuais e escritores de renome mundial, que colocam seu labor criativo em obras literárias — todos são completamente contrários à economia de mercado e ao capitalismo. Eles são contra o processo espontâneo e de interações voluntárias que ocorre de mercado. Eles querem controlar o resultado destas interações. Eles são socialistas. Eles são de esquerda. — *Primeira citação.*

Riem dos cidadãos de ideias mais simplórias e mais práticas. É uma ofensa à sua fina sensibilidade assistir à televisão. Abominam anúncios comerciais. De alguma forma se escandalizam com a falta de cultura (na concepção deles) de toda a população. E, de seus pedestais, se colocam a pontificar e a criticar tudo o que fazemos porque se creem moral e intelectualmente acima de tudo e todos. — *Segunda citação.*

Apesar da declaração de Soto ter uma lógica, ela não passa de uma retórica e surge dentro de um contexto político. Uma fala conduzida pelos próprios políticos ou percussores da ideologia neoliberal que tem interesse em determinado recorte social. Uma busca no mecanismo de pesquisa *Google*⁹ mostra casos que replicam a opinião de Soto, ainda que com diferentes elaborações. Em 2015, o chefe-executivo da empresa Whole Foods, empresa que comercializa produtos naturais, com receita avaliada em 17 bilhões de dólares, deu uma entrevista à Reason com acusações parecidas às do autor, notadamente o ódio aos intelectuais que criticam o capitalismo. Esse tópico parece ser um ponto em que todos, se questionados, têm uma determinada opinião, nunca se omitindo de afirmar uma posição crítica.

Tal postura é coerente com a lógica dominante do mercado. Uma afirmação contrária, porque o capitalismo odeia os intelectuais, seria mais efetiva. Esta abordagem encontra um respaldo maior, por encontrar autores que dedicaram suas vidas a produzir um pensamento contrário ao livre mercado e ao capitalismo. Karl Marx seria um exemplo fundamental. Mesmo neste caso, a generalização não se aplica. Tratar um amplo recorte da sociedade, o dos produtores de conhecimento, lhes colocando no mesmo patamar e lhes empurrando um posicionamento político, é incoerente. Desde a época de Marx, mas não só ele, foram muitos os intelectuais que escreveram em defesa e contra o capitalismo, como se vê até hoje.

⁹ LEMOS, R. DE. Por que o capitalismo odeia os intelectuais? Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/por-que-o-capitalismo-odeia-os-intelectuais/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

No campo dos artistas a diversidade é ainda maior. É possível identificar artistas que têm seu posicionamento alinhado com as políticas de esquerda, como o caso de Wagner Moura, ator brasileiro que já deu declarações dizendo que é progressista e se vincula às políticas de esquerda. Em outros momentos, encontram-se falas afetuosas à revolução Cubana¹⁰. Mas mesmo essa declaração é um tanto quanto insuficiente para afirmar que o ator é contra o capitalismo, contra o modo de produção que, por meio da indústria cultural, promoveu o próprio ator. A partir dos veículos de comunicação. Identifico partidos progressistas no Brasil que lutam por uma melhoria das classes menos favorecidas, um melhor desenvolvimento de políticas públicas e uma constante prestação de serviços do Estado. Mas, em seu projeto político, não se encontra a finalidade política de destituição do modo de produção capitalista. Já outros partidos, também progressistas, propõem políticas parecidas. Carregam em seu projeto político a finalidade de suplantar o modo de produção capitalista pelo socialismo e, por conseguinte, o comunismo.

Percebo, na primeira citação, o teor hostil construído sobre a imagem dos intelectuais e artistas. Isso tem como objetivo gerar na população uma aversão às imagens potencialmente seguras dos produtores de ciência. A partir daí, uma imensa avalanche de questionamentos ao método científico se apresenta. Não só um questionamento ao método em si, até porque algumas pessoas não parecem ter a condição de refutar algo. Mas um questionamento em relação ao intelectual, que resvala em tudo que os mesmos produzem. Isso gera uma imensa instabilidade social sobre educação, conhecimento, ensino e pesquisa. Sobretudo no contexto brasileiro durante a crise de saúde.

Em uma aula na Universidade de Brasília, no PPGPS/SER/UnB, Jose Paulo Netto mostra a complexidade das formas em que um indivíduo, na sociedade burguesa, pode surgir se constituir. José Paulo comenta que “vida da sociedade burguesa é complexa. Ela envolve, da produção de conhecimento para o trabalho, ao uso lazer. Envolve até mesmo a constituição dos imaginários das pessoas, a produção de sensualidades,” (NETTO, 2016). A forma complexa de vida na sociedade burguesa, por si só, refuta um posicionamento rígido sobre a inseparabilidade do indivíduo como pessoa e profissional. Posicionar-se genuinamente contra o modo de produção pressupõe uma argumentação robusta, que não encontrei em artistas pesquisados. Na argumentação de Soto e seus pares dentro no IMB, é notável o desenvolvimento de uma forma de lutar contra as políticas progressistas (e seus interlocutores), e a busca de apoio a sua base conservadora direitista.

¹⁰ “Os ideais da revolução cubana são muito bonitos”, diz Wagner Moura. Disponível em: <https://istoe.com.br/wagner-moura-cuba-e-mais-complexa-do-que-falam/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso ter conseguido mostrar as formas de atuação do Instituto Mises, sua expertise com relação ao uso das redes sociais na apresentação dos conceitos para a população. Especialmente por meio do site. Eles estão efetivamente presentes no debate público. São representantes da direita, defendem o livre mercado. Entendem que, no Brasil, existe uma hegemonia do pensamento político de esquerda. Baseiam-se muito neste ponto. Sua militância política tem como foco diminuir a expansão desta corrente progressista. “[A] nova direita brasileira surgida nos anos 2000, tal processo se deu a partir da reação ao pacto de 1988 e suas consequências sociais e institucionais, cujo seu desenvolvimento foi percebido por uma “hegemonia cultural esquerdista”” (ROCHA, 2021, p. 20). A nova direita pode, assim, ser entendida como uma nova roupagem de antigas abordagens políticas conservadoras. Continua crescendo expressamente. Durante o Governo Bolsonaro, o avanço se fortificou ainda mais. O traço notável disso, hoje, é um parlamento nacional quase todo tomado por deputados alinhados notavelmente com as políticas de direita. O movimento do estudo dos desenvolvimentos do neoliberalismo no Brasil, agora, me parece ainda mais prolífico.

O presente artigo insere-se em um campo de análise ainda pouco explorado, que destaca a crescente adoção de posicionamentos fascistas em nosso país. Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil, mas vem se manifestando em outras partes do mundo. Segundo Dardot e Laval (2016), o aumento de movimentos conservadores, fascistas, tem suas raízes nas transformações subjetivas promovidas pela hegemonia neoliberal, que fortalece o individualismo e a rejeição à solidariedade e à redistribuição.

A compreensão dos conteúdos centrais presentes nas falas desses agentes sociais, os autores dos artigos citados, é fundamental para reconhecermos sua capacidade ativa e reflexiva como produtores de sentido. Além disso, é essencial identificar os enquadramentos que influenciaram a posição política de grande parte da população brasileira durante a redação deste artigo.

A importância deste estudo reside na necessidade de se compreender os novos processos que ocorrem no mundo do trabalho contemporâneo, bem como nos meios de políticas educacionais e nas mídias. Estes processos, evidenciados no presente artigo, são uma forma direta de ação que decorrem da intensificação da ofensiva neoliberal contra a força de trabalho, no sentido mais amplo. Considerei de suma importância adotar uma perspectiva teórico-metodológica de inspiração marxista para abordar o neoliberalismo, utilizando a

análise crítica de autores como Dardot e Laval, Camila Rocha, Flavio Casemiro, Esther Solano, entre outros. Foi possível identificar os elementos que caracterizam o neoliberalismo e permitem seu funcionamento, apesar de seus efeitos preocupantes.

As contribuições apresentadas neste trabalho fornecem elementos importantes para o entendimento e análise dos motivos pelos quais são difíceis os avanços de políticas significativas contra o neoliberalismo, apesar de seus efeitos prejudiciais sobre os indivíduos e a sociedade. É extremamente desafiador lutar contra um processo político que avança com tanta facilidade. O estudo dos recortes abordados e a abertura para estudos futuros são essenciais para a compreensão desse fenômeno. O Instituto Mises continua a crescer e a ganhar milhares de seguidores em suas redes sociais. Ao mesmo tempo, a linha de pesquisa relacionada ao IMB também cresce, com mais de quinhentos artigos produzidos sobre o assunto, tanto no Brasil como em outros países ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNEY, Julian. O politicamente correto ataca um direito humano básico: a liberdade de pensamento e de expressão. **Mises Brasil**, São Paulo, 11 de abr. de 2019. Filosofia. Disponível em: <https://mises.org.br/article/2866/o-politicamente-correto-ataca-um-direito-humano-basico-a-liberdade-de-pensamento-e-de-expressao>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- ANDRADE, D. P. NEOLIBERALISMO: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p. 109–135, 6 maio, 2019.
- AUGUSTO, Flávio. Sim, a escola está destruindo gerações e causando estragos profundos. **Mises Brasil**, São Paulo, 16 de out. de 2021. Política. Disponível em: <https://mises.org.br/article/2786/sim-a-escola-esta-destruindo-geracoes-e-causando-estragos-profundos#:~:text=Sim%2C%20a%20escola%20est%C3%A1%20destruindo%20gera%C3%A7%C3%B5es%20e%20causando%20estragos%20profundos>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- BELTRÃO, Hélio. Afinal, o que houve com Paulo Guedes? **Mises Brasil**, São Paulo, 21 de out. de 2021. Economia. Disponível em: <https://mises.org.br/artigos/2987/afinal-o-que-houve-com-paulo-guedes#:~:text=Ao%20encarar%20as%20enormes%20dificuldades>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- _____. Quem vigia o STF? **Mises Brasil**, São Paulo, 27 de maio de 2020. Direito. Disponível em: <https://mises.org.br/article/3124/quem-vigia-o-stf>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova Direita**: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2018.
- CÉSAR VARGAS, N. C. V., & MARQUES, R. M. Conception of education of liberal think tanks in Brazil and neoliberal governmentality. **SciELO Preprints**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1811>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- CRUZ, Danilo Bandeira dos Santos. Resenha do livro “A nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 21, n. 46, p. 352-358, maio/ago. 2020.

DAL PAI, Raphael A. A teoria “anarco” capitalista segundo artigos publicados no site do Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB) e a noção “libertária” de anarquismo. **Temporalidades – Revista de História**, ed. 27, v. 10, n. 1, p. 173–185, maio/ago, 2018.

_____. “Imposto é roubo; Estado é quadrilha”: o Instituto Ludwig von Mises Brasil e o Estado. **Revista Interdisciplinar de Estudios Sociales**. Buenos Aires, n. 18, p. 39-69, jul./dez. 2018.

ESPING-ANDERSEN, G. O futuro do welfare state na nova ordem mundial. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 35, p. 73–111, 1995.

FERREIRA, H. M.; VIEIRA, M. S. de P. O Mecanismo de repetição em textos publicitários: em busca de uma caracterização. **Revista Diálogos**, v. 1, n. 1, p. 16–26, 31 dez. 2013.

GALVÃO, Felipe dos Santos. O precariado no Brasil contemporâneo: processo de (des)organização política em tempos de crise. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2015, São Luís. **Anais eletrônicos** [...] São Luís, 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo2/o-precariado-no-brasil-contemporaneo-processo-de--des-organizacao-politica-em-tempos-de-crise.pdf>. Acesso em 04 ago. 2023.

GARSCHAGEN, B. & ROQUE, L. O Marx que a esquerda desconhece – contra o protecionismo, anti-keynesiano e pró-livre concorrência. **Mises Brasil**, São Paulo, 14 de abr. de 2016. Disponível em: <https://mises.org.br/artigos/2184/o-marx-que-a-esquerda-desconhece-contra-o-protecionismo-anti-keynesiano-e-pro-livre-concorrencia>. Acesso em: 7 jan. 2022.

GELLER, A. Anthony. Não importa a intenção: gastos do governo sempre geram lucros privados e prejuízos socializados. **Mises Brasil**, São Paulo, 13 de out. de 2021. Economia. Disponível em: <https://mises.org.br/article/3380/nao-importa-a-intencao-gastos-do-governo-sempre-geram-lucros-privados-e-prejuizos-socializados>. Acesso em: 7 jan. 2022.

GORDON, David. Karl Marx e a diferença entre comunismo e socialismo. **Mises Brasil**, São Paulo, 22 de jun. de 2020. Economia. Disponível em: <https://mises.org.br/article/2063/karl-marx-e-a-diferenca-entre-comunismo-e-socialismo>. Acesso em: 04 ago. 2023.

LEMO, R. de. Por que o capitalismo odeia os intelectuais? **Estadão**, São Paulo, 31 de mar. de 2020. Estado da Arte. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/por-que-o-capitalismo-odeia-os-intelectuais/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945–970, dez. 2019.

NETO, P. F. D. Centro como ideia e sua construção política. **Interesse Nacional**. São Paulo, ano 14, n. 54, p. 26–32, jul./set. 2021. Disponível em: <https://interessenacional.com.br/o-capital-diplomatico-brasileiro-2/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

“OS ideais da revolução cubana são muito bonitos”, diz Wagner Moura. **IstoÉ**, São Paulo, 03 de set. de 2019. Cultura. Disponível em: <https://istoe.com.br/wagner-moura-cuba-e-mais-complexa-do-que-falam/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

POR que é impossível acabar com a pobreza por meio da redistribuição de renda. **Mises Brasil**, São Paulo, 20 de jan. de 2017. Economia. Disponível em: <https://mises.org.br/article/2727/por-que-e-impossivel-acabar-com-a-pobreza-por-meio-da-redistribuicao-de-renda>. Acesso em: 7 jun. 2022.

PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os intelectuais de direita no Brasil contemporâneo. **Teoria e cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 40–54, dez. 2018.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: o liberalismo e a nova direita no Brasil. São Paulo: Todavia, 2021.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 97, p. 23–40, nov. 2013.

SOLANO, E., & ROCHA, C. (Eds.). **As direitas nas redes e nas ruas**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOTO, Jesús Huerta de. Por que os intelectuais odeiam o capitalismo? **Mises Brasil**, São Paulo, 11 de jan. de 2018. Filosofia. Disponível em: <https://mises.org.br/article/1487/por-que-os-intelectuais-odeiam-o-capitalismo>. Acesso em: 7 jun. 2023.

TEORIA E PRÁXIS. **Fundamentos do Marxismo – José Paulo Netto**. [S. l.]: Teoria e Práxis, 2016. 1 vídeo (23min30seg). Disponível em: https://youtu.be/X9LwDZ_EZJM. Acesso em: 04 ago. 2023.

THORBURN, Doug. Atacar os ricos é atacar nosso próprio padrão de vida. **Mises Brasil**, São Paulo, 18 de set. de 2017. Economia. Disponível em: <https://mises.org.br/artigos/2529/atacar-os-ricos-e-atacar-nosso-proprio-padrao-de-vida>. Acesso em: 7 jan. 2022.